

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

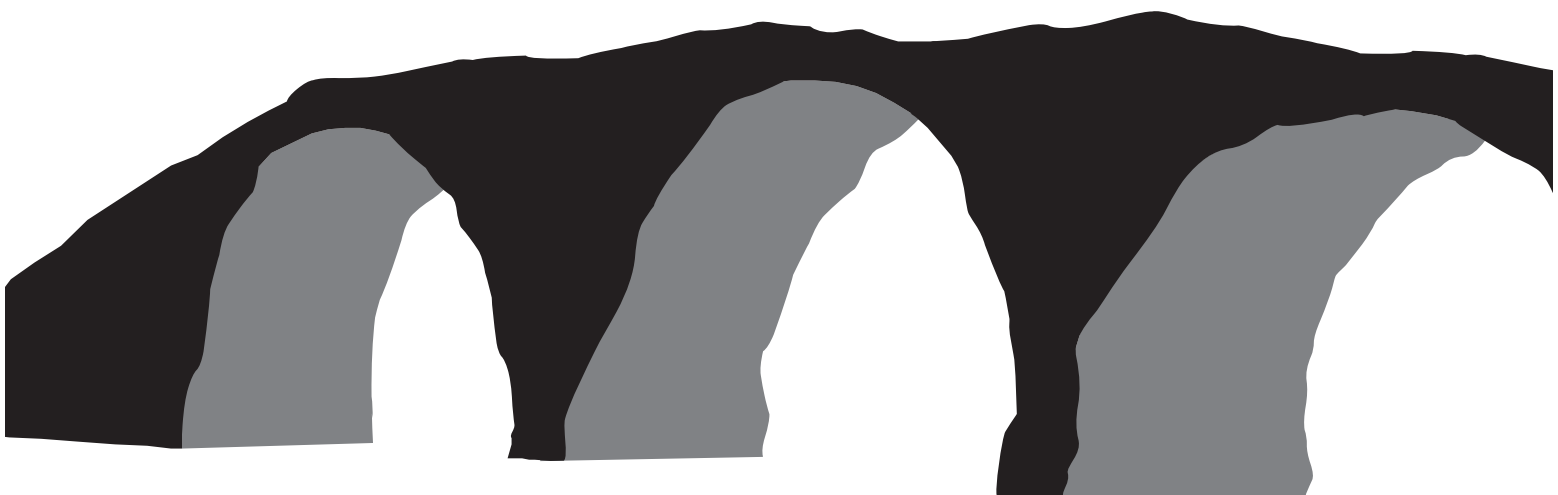
Volume 7 | Número 1 | Janeiro – Junho 2013

ISSN 1981-5875

**REFLEXÕES SOBRE A ARQUEOLOGIA
DA DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL**

**THOUGHTS ON THE ARCHAEOLOGY
OF THE AFRICAN DIASPORA IN BRAZIL**

Theresa A. Singleton



Data de recebimento: 12/4/2013

Data de aceite: 26/4/2013

REFLEXÕES SOBRE A ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL

THOUGHTS ON THE ARCHAEOLOGY OF THE AFRICAN DIASPORA IN BRAZIL

Theresa A. Singleton¹

Tradução: Marcos André Torres²

Os artigos apresentados neste volume trazem à minha lembrança uma afirmação feita pelo historiador Philip Morgan: “Embora os escravos do Novo Mundo tenham tido um destino similar em toda parte, as distinções territoriais fizeram diferença” (1988:104). “Os escravos levaram a vida na pobreza, mas a variedade caracterizou seus mundos materiais” (1998: 104). Essa reunião de artigos demonstra que o mundo material dos Afro-Brasileiros foi diverso, e os contextos sócio-político-históricos nos quais eles operaram, bastante complexos. Dado o fato que o Brasil recebeu o maior e mais diverso número de vítimas africanas no tráfico transatlântico, essas observações não surpreendem. O Brasil tem um grande potencial para a análise da ampla gama de variação que existiu entre comunidades africanas diaspóricas. Esses artigos indicam tanto paralelismos quanto diferenças no que se refere à Arqueologia da Diáspora Africana no Brasil, Caribe e Estados Unidos. Na breve discussão que se segue, vou discutir tanto os aspectos únicos da Arqueologia da Diáspora no Brasil quanto aqueles que são compartilhados com outras regiões das Américas.

Talvez um dos aspectos mais distintivos da cultura material Afro-Brasileira reportada até aqui sejam os motivos decorativos presentes na cerâmica produzida localmente e que se assemelham a escarificações encontradas em grupos escravos específicos, tais como os Yoruba, Macua e Angola (Souza e Agostini 2012; Symanski 2012; Symanski e Hirooka neste volume). Diversas comunidades da Diáspora Africana produziram cerâmica para cozinhar, servir e consumir alimentos, mas

1 Professora associada, Department of Anthropology, Syracuse University, Syracuse, New York, USA. tasingle@syr.edu

2 Professor adjunto do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: torresdesouza@yahoo.com

muito pouco desses recipientes era decorado. A correlação das cerâmicas incisadas com escarificações corporais é interessante e sugere que esses recipientes tiveram algum tipo de significação em termos de identidade cultural. Além disso, leva à pergunta: por que codificar uma decoração corporal nas panelas e cachimbos? Diana Loren observou que o corpo de um indivíduo era uma tela na qual ele ou ela adicionava itens tais como vestimentas e adornos (incluindo marcas corporais), que podiam ser manipulados para sinalizar mensagens políticas (2010:37). No Brasil, a cerâmica produzida pelos escravos pode ter servido como uma tela em branco, tendo como intuito informar acerca de uma herança compartilhada, uma vez que esses indivíduos não podiam transplantar ou reproduzir práticas culturais associadas às escarificações corporais.

Correlacionar a cerâmica incisa feita à mão com motivos similares àqueles encontrados nas escarificações é uma coisa; sugerir que as escarificações também influenciaram a compra de louças produzidas em massa, é outra. Symanski e Hirooka compararam dois tipos de decoração *cut sponge* carimbadas presentes em *whitewares* (uma faiança fina de corpo branco) com representações de escarificações em um escravo de Moçambique a fim de propor que esses recipientes foram selecionados porque apresentavam um padrão decorativo similar ao padrão da sua escarificação. Esse tipo de analogia visual é sempre evocativa, mas pode facilmente nos persuadir a ver relações que podem não ter existido. Outros fatores que potencialmente influenciam a aquisição e compra de louças com padrões *cut sponge* deveriam também ser considerados. Um fator importante é que os recipientes decorados por *cut sponge* tiveram grande popularidade no período 1845-1870, quando se tornaram os recipientes mais baratos entre os que tinham decoração (Miller 1991:6). O período de popularidade do *cut sponge* coincide com a alta predominância de escravos provenientes de Moçambique e Congo na região onde o Engenho Bom Jardim se situava. Arqueólogos, em geral, sabem muito pouco sobre como as louças produzidas em massa era comercializadas entre os grupos escravos. Os consumidores escravos determinavam ou influenciavam a seleção de estilos de louça que os vendedores e outros comerciantes disponibilizavam para eles? Ou os consumidores escravos compravam o que estava disponível para eles ou o que sua capacidade financeira permitia? Ou eles estavam comprando itens populares e do gosto dos consumidores escravos? Os arqueólogos sempre vão debater essas questões. Todavia, existe um conjunto crescente de evidências de que, tanto nos Estados Unidos quanto no Caribe (Heath 2004; Galle 2012; Wilkie e Farnsworth 2005; meu próprio trabalho em Cuba), os escravos adquiriram louças e muitos outros itens que estavam na moda quando eles os utilizaram. Esses achados indicam a participação ativa dos consumidores escravos, desafiando

as antigas interpretações de que eles adquiriam, primariamente, louças fora de moda. A popularidade das louças *cut sponge* pode também nos esclarecer acerca da sua presença em outros sítios ocupados por africanos. Christopher DeCorse observou uma grande variedade de decorações carimbadas feitas por *cut sponge* na amostra de louças do século XIX proveniente de Elmina, uma cidade africana da Costa do Ouro, atual Gana (2001:157). Gana está muito distante de Moçambique, com povos e práticas culturais completamente diferentes, bem com línguas que pertencem a um grupo linguístico africano completamente distinto. O apelo das louças *cut sponge* para os Africanos e as comunidades Afro-descendentes pode não ter nada a ver com os padrões carimbados, mas sim com as ricas e vibrantes cores usadas nos padrões e como eles complementavam outros recipientes decorados e não decorados.

O estudo de Tedesco sobre a negação da comunidade da cidade de Goiás acerca do papel que os Afro-Brasileiros desempenharam na produção cerâmica durante os séculos XVIII e XIX se opõe à importância que os arqueólogos dão à cerâmica produzida pelos escravos. Embora seja infeliz a rejeição da comunidade pelas raízes africanas dessa cerâmica e o reconhecimento desse legado como parte da sua herança, isso não é de todo inesperado. Os não arqueólogos não percebem, necessariamente, a cerâmica e a produção cerâmica da mesma forma que os arqueólogos e outros especialistas da cultura material. Alguns membros de comunidades Afro-descendentes vêem essas cerâmicas como grosseiras, esteticamente desagradáveis ou mesmo como uma forma de “atraso”. Encontrei esse tipo de situação tanto no Caribe quanto nos Estados Unidos. Durante minha primeira visita à Jamaica, comprei duas cerâmicas jamaicanas produzidas localmente e conhecidas como *yabba ware*. Esses recipientes foram feitos por uma renomada ceramista, conhecida como “Ma Lou” (Sra. Louisa Jones), que produz cerâmicas utilizando técnicas de confecção similares às que ceramistas Afro-jamaicanas empregaram nos séculos XVIII e XIX (Hauser 2008: 130-1). Enquanto procurava, no centro de Kingston, uma bolsa para transportá-los, eu carregava o maior dos dois recipientes (Figura 1). Nesse momento, duas Afro-Jamaicanas se aproximaram e perguntaram aonde eu tinha obtido aquele pote, porque não viam um daqueles desde a infância. Esse recipiente evocou memórias maravilhosas para elas, trazendo a lembrança de como suas mães e avós usavam o recipiente para preparar pratos especiais no natal e em outras ocasiões festivas. Por ter recebido comentários positivos sobre esses recipientes em Kingston, fiquei chocada quando uma funcionária da alfândega fez comentários negativos sobre eles, no momento em que eu estava no aeroporto para deixar a Jamaica. Ela me disse que não podia entender porque eu decidi levar essa cerâmica “grosseira” para

os Estados Unidos, uma vez que existiam tantas “coisas bonitas” que os jamaicanos fazem. Ela também relacionou essa cerâmica “grosseira” com a ideia de “atraso”, ao considerar que ela alimentava imagens estereotipadas sobre a Jamaica e o seu povo pelos que eram de fora.



Figure 1 - Pottery vessel made by Ma Lou (Mrs. Louisa Jones)

O comentário dessa agente da alfandega se somou às reações negativas que eu tive previamente enquanto apresentava, para públicos Afro-Americanos, informações sobre o *colonoware*, a cerâmica que os escravos faziam e utilizavam em algumas *plantations* do sul dos Estados Unidos (Ferguson 1992). Determinada a apresentar o *colonoware* de uma forma que ajudasse a minha audiência a compreender a relevância arqueológica da cerâmica, servi como co-curadora de uma pequena exposição intitulada “Jarros, Potes & Pipkins³: pistas para a vida em uma *plantation*”, montada no *National Museum of Natural History, Smithsonian Institution*, quando eu ainda trabalhava nesse museu. A exposição tentou mostrar o quanto os arqueólogos podem, a partir dos mais simples e corriqueiros artefatos, aprender sobre a vida em uma *plantation* e, em especial, sobre a forma como os alimentos eram preparados, tanto por trabalhadores quanto por senhores de escravos (Singleton and Bograd 2000).

3 O termo “pipkin” indica um tipo de panela com cabo e base tripode que pode ser levada diretamente ao fogo ou sobre brasas.

A exposição e a brochura que a acompanhava também indicavam como as cerâmicas eram produzidas, e o quanto de habilidade era necessária para cozinhar utilizando-se esses recipientes. A exposição foi muito bem sucedida e muitos visitantes, tanto brancos quanto negros, incluindo Afro-Americanos que trabalhavam no Museu, comentaram ter gostado muito dela. Algumas vezes, torna-se necessário encontrar o gancho certo e envolver as pessoas no nosso discurso arqueológico.

Os silêncios do passado e o trabalho com comunidades descendentes são também dois temas proeminentes no Projeto sobre o Cais do Valongo. O enterramento intencional do Cais do Valongo na década de 1840 é um exemplo clássico do tipo de apagamento do passado que ocorreu, com bastante frequência, na história dos povos da Diáspora Africana. Em certos aspectos, o projeto sobre o Cais do Valongo tem paralelos com o *African Burial Ground Project*, realizado na cidade de Nova York. Localizado em *lower Manhattan*, o *African Burial Ground* foi um cemitério onde tanto escravos quanto Africanos e Afro-Americanos libertos foram enterrados, do fim do século XVI até 1794, quando ele foi fechado. O cemitério foi descoberto durante a construção de um edifício da administração federal em 1991, o que levou à investigação arqueológica de uma pequena porção do cemitério e a descoberta de 419 remanescentes de homens, mulheres e crianças. Os arqueólogos estimam que o cemitério completo, que está enterrado sob edifícios e parques próximos, pode ter sido o lugar de descanso final para cerca de 10.000 indivíduos. Devido ao fato dessa investigação envolver sepultamentos, protestos contra a continuação das escavações chamou a atenção nacional e internacional, e o sítio tornou-se monumento nacional (Wilson 2005).

Embora sejam sítios bem diferentes, tanto o *African Burial Ground* quanto o Cais do Valongo envolveram a participação de comunidades descendentes, recebendo uma grande atenção da mídia e reorientando as atenções para a importância da escravidão nesses grandes centros urbanos. Os ricos depósitos de artefatos, particularmente a parafernália religiosa, têm muito a oferecer para o estudo das práticas culturais dos escravos provenientes da África Central. Com estimativas que apontam para a passagem pelo Valongo de centenas de milhares de africanos escravizados, esse sítio é verdadeiramente merecedor do título de Patrimônio Mundial da UNESCO. Esse é, de longe, o sítio mais importante da Diáspora Africana nas Américas até o momento investigado. Aguardo com expectativa os achados e interpretações que vão emergir desse incrível sítio.

O artigo de Agostini apresenta um estudo de caso importante, oferecendo-nos alguns *insights* sobre o espaço de uma *plantation* associada com o comércio escravo clandestino, cujos proprietários parecem ter estado envolvidos com a espiritualidade africana. Correspondências e outros registros escritos algumas

vezes dão pistas de que escravocratas participaram do tráfico ilegal, mas é raro identificar uma *plantation* específica envolvida com esse comércio. A questão do envolvimento de Joaquim Pedro com a religião africana é intrigante e levanta questões ligadas à possibilidade de outros proprietários terem se tornado adeptos de religiões africanas, ou talvez, buscarem conselhos de especialistas de religiões africanas. Os arqueólogos nos Estados Unidos assumem que os *caches*⁴ de artefatos presumivelmente religiosos encontrados dentro das casas dos proprietários, em áreas onde os trabalhadores escravos viveram ou trabalharam (Leone 2005:199-144) e, o que era mais frequente, em habitações escravas, foram ali colocados sem o conhecimento do proprietário. Mas esse necessariamente era o caso? Teriam os proprietários participado de alguns desses rituais, talvez como observadores? Ou teriam esses proprietários permitido a seus trabalhadores praticar alguns aspectos da sua religião? Levanto essas questões porque muitos sítios ocupados por escravos não ofereceram qualquer evidência desse tipo de prática religiosa, sobretudo no Caribe, onde muitas tradições religiosas derivadas da África se originaram. É claro que a ausência de evidências não significa que havia uma ausência de religiosidade africana. Isso pode, na verdade, estar indicando que o fervor religioso era expresso de uma maneira que não é evidente no registro arqueológico. Certamente, atitudes permissivas ou não permissivas do proprietário em relação à religiosidade africana oferecem uma interpretação plausível para o porquê de alguns sítios oferecerem esse tipo de evidência e outros não.

Guimarães, Ladeia e Morais nos lembram que as transformações na paisagem social, econômica e política devem ser levadas em consideração nas nossas interpretações sobre a vida nas *plantations*. Enquanto esse possa parecer um ponto óbvio, os arqueólogos frequentemente abordam as *plantations* como se elas existissem como as imagens estáticas de *plantation* retratadas por meio de recursos visuais (mapas, pinturas, gravuras ou fotografias). Esses recursos visuais muitas vezes representam as *plantations* no seu auge e oferecem poucas indicações de como elas se transformaram no tempo. O fato é que as *plantations* se transformaram no tempo e estiveram sujeitas a mudanças frequentes, à medida que o proprietário consolidava algumas de suas terras e se desfazia de outras, ou as abandonava todas de uma vez. Novas tecnologias e meios de transporte beneficiaram algumas *plantations*, enquanto outras se tornaram obsoletas e desapareceram. As *plantations* podem ser estudadas por meio de biografias de objetos – a história de vida dos objetos – a fim de iluminar e revelar aquelas características que permanecem obscuras (Kopytoff 2000 [1986]:379). Tais biografias de *plantation* podem nos

4 N.T.: Conjunto de artefatos com significado mágico-religioso entre praticantes de religiões de matriz africana.

permitir ver as dinâmicas internas e externas resultantes das transformações na sua produção, organização espacial e modos de vida.

Os artigos apresentados neste volume abordam temas e questões que são pertinentes a todos os que estudam a Diáspora Africana: manipulação da história; negação e esquecimento do passado; como objetos e tecnologias dão forma às pessoas que os produziram e utilizaram; formação de identidades; o comércio ilegal de escravos; religiosidade africana; entre outros tópicos. Eles demonstram que o Brasil tem muito a contribuir à Arqueologia da Diáspora Africana e à Arqueologia histórica em geral. O Brasil é uma grande promessa para a Arqueologia da Diáspora Africana e espero, com expectativa, a divulgação de novos resultados, à medida que as pesquisas progredirem.

BIBLIOGRAFIA

- DECORSE, Christopher. 2001. *An Archaeology of Elmina: Africans and Europeans of the Gold Coast, 1400-1900* Washington, DC: Smithsonian Institution Press.
- FERGUSON, Leland 1992. *Uncommon Ground: Archaeology and Early African America 1650-1800*. Washington, DC: Smithsonian Institution.
- GALLE, Jillian. 2010. Costly signaling and gendered social strategies among slaves in the eighteenth-century Chesapeake: An archaeological Perspective *American Antiquity* 75 (1):19-43.
- HEATH, Barbara J. 2004. Engendering Choice: Slavery and Consumerism in Central Virginia. In *Engendering African American Archaeology: A Southern Perspective*, edited by a. Amy L. Young and Jillian E. Galle, 19-38. Knoxville: University of Tennessee Press.
- HAUSER, Mark W. 2008. *An Archaeology of Black Markets: Local Ceramics and Economies in Eighteenth-Century Jamaica* Gainesville: University Press of Florida.
- KOPYTOFF, Igor. 2000. The cultural biography of things: commoditization as process. In *Interpretative Archaeology: A reader* edited by J. Thomas, 377-397. London: Leicester University Press. Original edition, 1986.
- LEONE, Mark. 2005. *The Archaeology of Liberty in An American Capital: Excavations in Annapolis*. Berkeley: University of California Press
- LOREN, Diana DiPaolo. 2010. *The Archaeology of Clothing and Bodily Adornment in Colonial America*. Edited by M. S. Nassaney, *The American Experience in Archaeological Perspective*. Gainesville: University Press of Florida.
- MILLER, George. 1991. A Revised Set of CC Index Values for Classification and Economic Scaling of English Ceramics from 1787 to 1880. *Historical Archaeology* 25 (1):2-36.
- MORGAN, Philip. 1998. *Slave Counterpoint: Black Culture in the Eighteenth-Century Chesapeake & Lowcountry* Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- SINGLETON, Theresa A., and Mark Bogard. 2000. Breaking Typological Barriers: Looking for the Colono in Colonoware. In *Lines that Divide: Historical Archaeologies of Race, Class, and Gender* edited by Stephen Mrozowski, James Delle, and Robert Paynter, pp. 3-21. Knoxville: University of Tennessee Press..

SOUZA DE TORRES, Marcos André, and Camilla Agostini 2012. Body Marks, Pots, and Pipes: Some Correlations between African Scarifications and Pottery Decoration. *Historical Archaeology* 46 (2):102-123.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. 2012. The Place of Strategy and the Spaces of Tactics: Structures, Artifacts, and Power Relations on Sugar Plantations of West Brazil *Historical Archaeology* 46 (3):124-148.

WILKIE, Laurie A., and Paul Farnsworth. 2005. *Sampling Many Pots: An Archaeology of Memory and Tradition at a Bahamian Plantation*. Gainesville: University Press of Florida.

WILSON, Sherrill. 2005. "African Burial Ground." In *Slavery in New York*, edited by Ira Berlin, and Leslie M. Harris, p. 7. New York: New Press.

